



## ASPECTOS VISUAIS EM UMA NARRATIVA FRANCESA (VISUAL ASPECTS IN A FRENCH NARRATIVE)

Andréa Correa PARAISO ( Universidade Estadual de Ponta Grossa )

**ABSTRACT:** *The aim of this paper is to analyse visual aspects in a french literary text from 1950.*

**KEYWORDS:** *visual aspects; contemporary literature; narrative*

A produção literária da segunda metade do século XX é marcada por uma multiplicidade de tendências, muitas vezes difíceis de inventariar dada a falta de distanciamento temporal que ainda temos em relação a tal objeto de estudo. Um dos traços marcantes da arte e da literatura contemporâneas é a diluição da fronteira entre os gêneros. Os processos enunciativos de muitos dos autores dos últimos cinquenta anos não admitem classificações rígidas em “romance”, “peça teatral”, “roteiro cinematográfico”, mas geram textos que mesclam elementos de todas essas linguagens.

Na literatura francesa, a obra de Marguerite Duras, representativa de grande parte das tendências que permeiam a arte do século XX, constitui um exemplo desse esgarçamento de fronteiras. Seus textos unem aspectos dos diversos gêneros, criando um jogo altamente expressivo, que brinca com as expectativas do leitor habituado a classificações, convidando-o a refletir. Embora esteja muito mais explícita nos últimos livros da escritora, essa característica já se fazia presente na produção da década de 50, período da obra durassiana que muitos críticos relacionam ao romance tradicional.

*Un barrage contre le Pacifique*, de 1950, uma das primeiras publicações de Marguerite Duras, deixa entrever elementos que conferem ao texto um certo caráter visual, aproximando-o, de certa forma, das linguagens cinematográfica e teatral.

A história é centrada em uma personagem sem nome próprio, chamada apenas de mãe. Francesa, ainda jovem deixa seu país para trabalhar na colônia\_\_ a Indochina. Lá casa-se e tem dois filhos, Suzanne e Joseph. Com a morte do marido, tem de trabalhar também como pianista em um cinema chamado Éden. Seu drama começa quando é enganada pelos administradores da colônia em uma compra de terras. As terras são incultiváveis, invadidas todos os anos pelas águas do oceano Pacífico. Inconformada, ela passa a vida a lutar contra a injustiça de que foi vítima, construindo, contra o mar, barragens que desmoronam. Todas essas informações nos são dadas por meio de *flash-backs*; quando a narrativa começa, Suzanne e Joseph já são adolescentes e sua mãe vive preocupada em reconstruir as barragens. Suzanne conhece M. Jo, um rico chinês que se apaixona por ela. A garota, no entanto, despreza-o, e o único interesse que ele desperta advém do seu dinheiro. O componente de prostituição é evidente e será retomado em livros posteriores da autora. M.



Jo não se casa com Suzanne, mas lhe dá de presente um diamante, que será visto pela mãe como possibilidade de reconstruir as barragens contra o Pacífico.

Essa história será retomada, recriada inúmeras vezes em outros textos de Marguerite Duras. Aliás, a reescritura é um dos traços mais significativos da obra da autora. Em cada novo texto, é narrada de maneira diferente, com recursos diferentes.

*Un barrage contre le Pacifique* é narrado em terceira pessoa; ocorre, segundo termos da Semiótica, uma *desembreagem enunciativa*. A desembreagem, segundo Diana Luz Pessoa de Barros, é a operação pela qual “a enunciação projeta, para fora de si, os actantes e as coordenadas espaço-temporais do discurso, que não se confundem com o sujeito, o espaço e o tempo da enunciação”. Barros ( 1985: 132 ). A desembreagem enunciativa é aquela dos enunciados decorrentes da projeção do *ele*, e não do *eu-tu*. Portanto, dizer que se percebe uma desembreagem enunciativa equivale, de certo modo, a dizer que o narrador não é personagem da história que conta. Em *Un barrage*, no entanto, embora a voz seja desse narrador exterior aos fatos, a perspectiva sob a qual a história é narrada é das personagens. Marie-Thérèse Ligot ( 1992 ) afirma que, em *Un barrage*, a narração se esforça para relacionar estreitamente um olhar exterior à ação e um olhar em simpatia com as personagens. Isso nos faz pensar na diferenciação de Fontanille, retomada por Fiorin, entre narrador e observador:

Se distinguem na enunciação uma dimensão cognitiva e uma pragmática, sendo esta concebida pura e simplesmente como a verbalização. O observador ocupa-se daquela e o narrador desta. Fiorin ( 1996: 195 ).

O narrador é, pois, o responsável pelo dizer, enquanto ao observador cabe ver, ouvir, perceber. A narrativa se constrói pela voz do narrador, que é orientada pelo olhar do observador. Retomando conceitos de Jean Pouillon e de Gérard Génette, Fiorin evidencia a distinção entre *observador com focalização total* e *observador com focalização parcial*. No primeiro caso, temos um observador onisciente, conhecedor de tudo a respeito dos fatos e das personagens. Um exemplo desse tipo de observador, que comumente está em sincretismo com o narrador, é o dos romances de Balzac, em que tudo é visto pelos olhos de um narrador quase demiurgo, onisciente e onipresente, voz e consciência da narrativa. O segundo caso comporta dois tipos: observador com focalização interna ( a cena é orientada pelo ponto de vista de uma personagem ) e observador com focalização externa ( são mostradas as ações externamente, não se conhecem os pensamentos das personagens ).

Em *Un Barrage*, a focalização ora é externa, ora interna. Nos instantes em que ela é interna, o observador é variável, ou seja, a personagem sob cuja perspectiva a narração se desenrola muda ao longo do texto. Em determinados momentos, o ponto de vista é o de Joseph, em outros é o da mãe, e, na maior parte das vezes, é o de Suzanne. Nos trechos abaixo citados, os olhares que orientam a palavra são, respectivamente, da mãe e de Suzanne:



*La mère à son tour regarda sa fille. (...). C'était sûrement une belle fille..*  
Duras ( 1950: 42 ).

*Ah! Cette tête que va faire Joseph devant le phono. Maintenant, ils ne pouvaient plus tarder à monter.* Duras ( 1950: 77 ).

Marie-Térèse Ligot atenta para uma certa ambigüidade da posição do narrador em *Un barrage contre le Pacifique*, o que decorre dos muitos significados possíveis do pronome *on* em francês. Tal pronome, que tanto pode designar alguém indeterminado quanto incluir quem fala, faz com que o narrador esteja ora totalmente exterior aos acontecimentos narrados, ora como que situado entre as personagens. Na passagem abaixo transcrita, o narrador, pelo emprego do *on*, parece incluído no grupo de personagens:

*La mère l'engueulait parce qu'il gâchait des balles à tuer des biches qu'on jetait dans le rac au bout de trois jours. Mais Joseph ne pouvait pas se résigner à revenir bredouille de la forêt. Et on faisait toujours comme si on mangeait les biches, on les accrochait toujours sous le bungalow et on attendait qu'elles pourrissent avant de les jeter dans le rac. Tout le monde était dégoûté; e d'en manger. Depuis quelque temps, on mangeait plus volontiers des échassiers à chair noir que Joseph tuait à l'embouchure de rac, dans les grands marécages qui bordaient la concession du côté de la mer.* Duras ( 1950: 19 ).

E é o mesmo pronome *on*, rico em significações, que, em determinadas passagens do texto, produz a impressão de que narrador e narratário estão em posição de espectadores dos acontecimentos narrados. O trecho abaixo lembra uma cena que se pode ver e ouvir. O emprego do *on* sugere um narrador situado ao lado do seu narratário, assistindo à cena:

*La nuit était tout à fait venue. Les paysans étaient toujours là, attendant qu'ils s'en aillent pour s'en aller à leur tour. On entendait leur doux piaillements sortir des cases.* Duras ( 1950: 365 ).

Nesta e em muitas outras passagens do texto, o narrador não mais se inclui entre suas personagens, mas as observa de um ponto de vista totalmente externo, descrevendo como se fornecesse indicações cênicas em uma peça teatral ou roteiro cinematográfico:

*Suzanne était sous le bungalow, le dos contre le pilotis. Elle se leva et s'approcha du terre-plein, sans toutefois sortir de l'ombre. Joseph commença à dételé le cheval. Il avait très chaud et des gouttes de sueur descendait de dessous son casque sur ses joues. Une fois qu'il eut dételé, il s'écarta un peu du cheval et se mit à l'examiner.* Duras ( 1950: 15 ).



Marie-Thérèse Ligot assinala que a cena constitui o princípio organizador do texto de *Un barrage contre le Pacifique*:

*Le principe organisateur du texte est la scène: on en trouve au moins une par chapitre, parfois plusieurs. Ainsi dès le début, après un chapeau introductif sur l'achat du cheval, nous assistons à une scène\_ théâtre, cinéma \_ où pendant six pages ( p. 14-20 ), le même espace \_ le terre-plein et le talus devant le bungalow \_ est presque toujours conservé. Ligot ( 1992: 138 ).*

As cenas de *Un barrage* podem ser associadas à linguagem cinematográfica. Como afirma Marie-Thérèse Ligot, é na sucessão de imagens propostas à imaginação do leitor que o texto encontra seu ritmo próprio.

Ainda estamos longe dos recursos que seriam utilizados em *L'amant de la Chine du nord*, texto que Duras publicou em 1991, no qual o cinematográfico e o romanesco perpassam um ao outro, e a própria palavra câmera é muitas vezes empregada. Mas não estamos diante de um romance tradicional, como acreditam muitos críticos. Os aspectos visuais de *Un barrage contre le Pacifique* já deixam perceber um entrecruzamento de linguagens diferentes, anunciando a ruptura da fronteira entre os gêneros que seria realizada nos textos durassianos posteriores.

RESUMO: O objetivo deste trabalho é analisar alguns aspectos visuais em uma narrativa francesa de 1950.

PALAVRAS-CHAVE: aspectos visuais; literatura contemporânea; narrativa

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. *A festa do discurso: teoria do discurso e análise de Redações de vestibulandos*. São Paulo, 1985. Tese ( Livre-docência em Lingüística ) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- DURAS, Marguerite. *Un barrage contre le Pacifique*. Paris: Gallimard, 1950.
- FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação*. São Paulo: Ática, 1996.
- LIGOT, Marie-Thérèse. *Un barrage contre le Pacifique*. Paris: Gallimard, 1992.